

# Moçambique – Antiga prisão da PIDE em Maputo vai ser museu-hotel após décadas de abandono

written by O Cidadão | 26 de Outubro, 2025



De acordo com um anúncio de adjudicação, o **Ministério dos Combatentes** entregou à empresa **Giluba-Lin** o projeto de *“elaboração, requalificação do edifício e exploração de atividade museu-hotel do edifício denominado por Vila Algarve”*.

A obra no edifício, em avançado estado de degradação, no número 10 do cruzamento das avenidas dos Mártires de Machava e Ahmed Sekou Touré, centro de Maputo, está prevista num concurso em duas etapas, segundo o mesmo documento.



Vila Algarve. Direitos Reservados

Atualmente, todas as entradas da vivenda construída em 1934 no coração de Maputo, ampliada em 1950 e hoje classificada como **Imóvel de Interesse Arquitetónico**, estão entaipadas e protegem o interior da ocupação por pessoas em situação de sem-abrigo, como já aconteceu em anos anteriores.

Da imponente vivenda no centro de Maputo, decorada por extensos mosaicos com motivos naturalistas, sobram hoje pouco mais do que paredes, tetos e telhados, mas também histórias sombrias do período colonial, **quando a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) a confiscou**, passando a usá-la como local de tortura de então combatentes pela independência moçambicana.

Histórias como as que o poeta moçambicano **José Craveirinha** (1922-2003) retrata nos seus poemas **“Não sei se é uma medalha”** de 1967, e nas duas versões de **“Vila Algarve”**, de 1988 e de 1998, sobre o período em que ali esteve detido, com passagem pelo interrogatório da PIDE.

Em 25 de junho de 1975, Moçambique proclamou a sua independência, mas nos anos seguintes o abandono, a degradação e os 'fantasmas' em torno do que ali se passou tomaram conta da Vila Algarve e até a Ordem dos Advogados de Moçambique tentou, sem sucesso, em 2008, fazer do espaço a sua sede.

**Património do Estado**, já foi equacionado em 2011 ali instalar o futuro Museu da Luta de Libertação, mas como todos os outros projetos, não avançou.

Mesmo Joaquim Chissano, Presidente moçambicano de 1986 a 2005, tentou, quando era ministro dos Negócios Estrangeiros, no primeiro do Governo do novo país, colocar ali aquele ministério.

*“Tentei utilizar a Vila Algarve. Não fui bem compreendido. E, então, depois passaram outras entidades que queriam utilizar a Vila Algarve, e o intuito era preservar o lugar. No meu tempo, era para fazer daquilo um ambiente de paz, de solidariedade, ou o próprio ministério. Como não tínhamos casas adequadas na altura, era uma maneira de preservar”,* recordou em junho, à Lusa, o antigo Presidente da República.



Vila Algarve. Direitos Reservados

***“E sempre quis que também os combatentes da Luta de Libertação Nacional estivessem lá, como sua sede. Não conseguimos, por várias interpretações. Oxalá que haja alguém que consiga realmente restaurar e preservar esta peça histórica. É uma peça histórica muito importante”,*** desabafou Chissano.

Fantasmas do passado que continuam a pairar na Vila Algarve, cujo abandono o historiador Marlıno Mubai, professor na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), não compreende.

***“Está intimamente ligado à história de Moçambique do ponto de vista da luta contra a dominação colonial, fascista em particular”,*** contou o historiador, numa entrevista anterior à Lusa, lamentando sucessivos projetos e intenções falhadas.

Como local que **“une”** Moçambique e Portugal, Mubai defendia já então que os dois países deviam unir esforços, como de resto chegou a ser admitido no passado: ***“Pudessem reabilitar aquele espaço que lembra, efetivamente, um passado muito difícil dos***

*dois povos, mas que, a partir daí, se forjaram novas alianças de irmandade entre os povos que hoje continuam a alimentar a diplomacia moçambicana e portuguesa”.*

A **Vila Algarve** é uma grande vivenda de esquina que foi construída em 1934 por **Santos Rufino** – comerciante, proprietário de uma grande papelaria no centro de Maputo – e vendida à PIDE (polícia política do regime de Salazar).

OC/AJS